

Atos

Repetição — ou Lembrete? (25:1–12)

Quando lemos pela primeira vez o capítulo 25, somos tentados a bocejar. Já vi isso antes: Paulo no tribunal, um governador fraco, um Sinédrio vingativo, uma conspiração diabólica. Não sei quanto a você, mas reprises¹ não são minha opção favorita. Algumas pessoas gostam de ler o mesmo livro várias vezes, assistir ao mesmo filme ou programa de televisão vez após vez, mas eu não gosto². Todavia, quando leio ou assisto a uma reprise, invariavelmente, vejo detalhes que estavam esquecidos ou não foram notados na primeira vez. O capítulo 25 de Atos é assim. Fique atento a ele, mesmo quando parecer “estar pisando no mesmo antigo terreno”, poderá descobrir novos conceitos e verdades.

MERA REPETIÇÃO? (25:1–9)

Os Mesmos Partidos (vv. 1, 2)

A história começa como no capítulo 24. Um dos participantes chaves é o governador romano — uma pessoa diferente, mas, apesar disso, um governador romano. O último versículo do capítulo 24 afirmou: “Félix teve por sucessor Pórcio Festo” (24:27b). O capítulo 25 começa com as palavras: “Tendo, pois, Festo assumido o governo da província...” (25:1a).

Não sabemos muito sobre Festo. Ele parecia ser membro de uma das nobres famílias de Roma. O historiador Josefo descreveu-o como sábio, imparcial e cordato. Concordaríamos que ele era mais justo e moderado do que seu antecessor ou do que seus sucessores³. Josefo também disse que ele fez muito para livrar a Judéia de ladrões e assassinos. Infelizmente, morreu depois de dois anos de mandato. Félix e Festo não eram parecidos em todos os aspectos; mas como governadores romanos da Palestina, ambos tinham o desejo de acalmar os judeus — como veremos.

Inicialmente, ficamos impressionados com a determinação de Festo de ser um bom governador. Somente três dias depois de chegar ao país, ele “subiu de Cesaréia para Jerusalém” (v. 1b). Festo tinha muitas razões para reunir-se imediatamente com os líderes judeus em Jerusalém: precisava ganhar o respeito deles (veja o versículo 13). Precisava conhecê-los⁴; e eles, a ele. Precisava descobrir quais eram seus maiores interesses e garantir-lhes que iria atendê-los. O mais importante é que ele precisava da cooperação de todos eles para vencer seu maior desafio: reverter a maré de inquietações políticas e sociais na Judéia.

Quando Festo chegou a Jerusalém, foi recebido por uma casta que temos visto muitas vezes em cena no livro de Atos: “os principais sacer-

¹No Brasil, uma reprise é uma representação de um programa ou cena de televisão. ²A exceção óbvia é a Bíblia, que devemos ler muitas vezes para entendê-la e valorizá-la completamente. ³Teve por sucessor Albino, que era um homem mau. O governo de Albino na Judéia intensificou a animosidade que levou à revolta dos judeus em 66 d.C. ⁴Lembre-se de que foram eles que delataram Félix, tirando-o do posto!

dotes⁵ e os maiores dos judeus” (v. 2a) — em outras palavras, o Sinédrio. Dois anos após o último julgamento, o presidente do Sinédrio havia mudado. Em vez de Ananias⁶ (23:2; 24:1), Ismael era então sumo sacerdote⁷. Todavia, Ismael vestiu a mesma camisa de Ananias; ele também era impiedoso e interesseiro.

Quando Festo sentou-se para discutir questões do estado com os líderes judeus, ele provavelmente esperava falar da economia opressora, do aumento do índice de criminalidade, talvez até do que consideravam injustiças da parte dos romanos. Em vez disso, para sua surpresa, o primeiro item da pauta era um caso de julgamento não resolvido — relativo a um fazedor de tendas, de idade avançada, que Félix deixou mofando numa cadeia de Cesaréia (24:27)! “E, logo, os principais sacerdotes e os maiores dos judeus lhe apresentaram queixa contra Paulo” (25:2a).

Posteriormente, o governador relatou o que sucedeu: “a respeito de quem [Paulo] os principais sacerdotes e os anciãos dos judeus apresentaram queixa, estando eu em Jerusalém, pedindo que o condenasse⁸” (v. 15)⁹. Ele disse que os judeus estavam “clamando que não convinha que ele vivesse mais” (v. 24). Talvez estivessem pedindo que lhes devolvessem Paulo¹⁰. Posso ouvi-los dizendo a Festo: “Félix devia ter entregue aquele fazedor de tendas a nós, mas aquele político astuto nada sabia de justiça!”

Queriam que Festo desse um veredito condenatório sem um julgamento, mas ele respondeu “que não é costume dos romanos condenar quem quer que seja, sem que o acusado tenha presentes os seus acusadores e possa defender-se da acusação” (v. 16). Quaisquer que fossem os horrendos crimes que o prisioneiro tivesse cometido, a lei romana lhe concedia o direito de

um julgamento imparcial!

A Mesma Conspiração (vv. 2–5)

Os membros do Sinédrio devem ter se surpreendido ao se verem diante de um romano que possuía um senso de justiça. Mas eles tinham um plano B pronto. Concordariam com o julgamento, se o governador o executasse em Jerusalém. Então, “lhes apresentaram queixa contra Paulo e lhes solicitavam, pedindo como favor, em detrimento de Paulo, que o mandasse vir a Jerusalém” (vv. 2b, 3a). Parecia um pedido sensato. O governador poderia executar o julgamento em Cesaréia ou Jerusalém (veja João 19:13), então por que não em Jerusalém?

Observe a expressão “pedindo como favor”. “Favor” também poderia ser traduzido por “concessão”¹¹. Kistemaker assinalou que “no singular... a palavra *favor* revela uma troca *quid pro quo* (alguma coisa por alguma coisa)”¹². Os judeus apresentaram um ultimato ao governador: “Se o senhor quer a nossa ajuda, então nos ajude primeiro. Entregue Paulo para nós!”¹³

Num plano superficial, os judeus estavam solicitando justiça. Num plano mais profundo, eles estavam conspirando uma injustiça — pois estavam “armando eles cilada para o [Paulo] matarem na estrada” (v. 3b). Outra reprise! Dois anos atrás, os líderes do Sinédrio haviam pedido ao comandante romano que lhes entregasse Paulo, planejando secretamente que seus cúmplices conspiradores se infiltrariam na guarda e matariam o apóstolo (23:12–15). Dessa vez, homens armados¹⁴ se esconderiam nos campos montanhosos da Judéia para armar uma emboscada contra Paulo e sua escolta¹⁵, ao se aproximarem de Jerusalém.

O tempo pode diminuir a amargura do

⁵Veja as notas sobre Atos 4:6 na lição “Quando Satanás Dificulta as Coisas”. ⁶A “parede branqueada” havia sido “ferida por Deus” (23:3). Todavia, ele ainda exercia considerável influência e provavelmente estava entre “os principais sacerdotes” mencionados. Mais tarde, ele foi “ferido” mortalmente (veja as observações sobre Atos 23:2, 3 na lição “Rejeitado em Jerusalém!”). ⁷Ismael não é mencionado nominalmente em Atos; esta informação vem do historiador Josefo. ⁸A expressão “condenasse” no grego refere-se ao “veredito de culpado” (Simon J. Kistemaker, *New Testament Commentary: Exposition of the Acts of the Apostles* [“Comentário do Novo Testamento: Exposição dos Atos dos Apóstolos”]. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1990, p. 875). ⁹Reconheço que Festo estava se colocando na melhor posição possível quando contou o que acontecera, mas estou inclinado a acreditar em Festo, pelo menos, por duas razões: 1) As palavras do governador não contradizem o relato original de Lucas; mas sim o complementam. 2) O pedido dos líderes judeus da forma como foi relatado por Festo é consistente com o conhecido ódio que tinham de Paulo. ¹⁰No v. 24 o texto ocidental acrescenta “que eu lhes entregasse para ser castigado sem qualquer defesa”. ¹¹O termo grego (*charin*) aparece na maioria das versões como “favor”. ¹²Kistemaker, p. 862. ¹³A pressão imposta ao novo oficial era incrível! Sugeriu-se que eles até teriam tentado subornar Festo. Como o antecessor de Festo pôde ser comprado (24:26), teriam presumido que esse também poderia ser comprado. ¹⁴Alguns ou todos talvez fossem os mesmos homens que anteriormente fizeram o voto de não comer até matar Paulo (23:12, 13). ¹⁵Era improvável que Festo providenciasse uma escolta numerosa como a de Lísias (23:23).

coração, mas só se o dono do coração perder a raiva (veja Efésios 4:31). Os líderes judeus não pararam de acumular ódio e este cresceu mais do que nunca (Hebreus 12:15)¹⁶!

Festo podia não estar ciente da conspiração de assassinato¹⁷ dos judeus, mas ele sabia identificar uma jogada perigosa assim que a via¹⁸.

Festo, porém, respondeu achar-se Paulo detido em Cesaréia; e que ele mesmo, muito em breve, partiria para lá. Portanto, disse ele, os que dentre vós estiverem habilitados que desçam comigo; e, havendo contra este homem qualquer crime, acusem-no (vv. 4, 5).

Festo estava dizendo: “Como um favor a vocês, reabrirei o caso, mas nunca se esqueçam de que eu sou o governador. Vocês é que têm de se ajustar aos meus planos, e não o contrário!”

Mais uma vez a providência de Deus foi demonstrada (Provérbios 21:1), pois se o governador tivesse concordado em levar Paulo a Jerusalém, a vida do apóstolo poderia ter sido abreviada. Como observou João Wesley: “Pelo que se move no invisível Deus governa o mundo! O cuidado de Festo em preservar os privilégios imperiais foi o meio pelo qual a vida de Paulo foi preservada”¹⁹.

A Mesma Acusação (vv. 6, 7)

Depois que os líderes judeus concordaram, relutantes, com a contra-proposta de Festo, o governador rapidamente finalizou sua visita a Jerusalém. Então, “não se demorando entre eles mais de oito ou dez²⁰ dias, desceu para Cesaréia” (v. 6a), juntamente com os líderes judeus (v. 5).

Para demonstrar seu desejo de cooperar com os judeus, Festo reformulou sua agenda “e, no dia seguinte, assentando-se no tribunal, ordenou que Paulo fosse trazido” (v. 6b)²¹. Estava determinado a dar uma solução para a questão de modo

eficaz e decisivo. Mais tarde, declarou ele: “De sorte que, chegando eles aqui juntos, sem nenhuma demora, no dia seguinte, assentando-me no tribunal, determinei fosse trazido o homem” (v. 17).

Quando os soldados foram pegar Paulo, este deve ter ficado surpreso, até mesmo assustado. Ele já havia sido julgado e considerado inocente pelo governador anterior (24:26). Um outro julgamento era uma reprise desnecessária!

Estando Paulo presente, Festo deu permissão aos líderes judeus para apresentarem a queixa. Dessa vez não tinham nenhum orador fluente para representá-los²². Então, todos “...rodearam-no os judeus que haviam descido de Jerusalém, trazendo muitas e graves acusações contra ele” (25:7a). As acusações podiam ser novas para o juiz Festo, mas eram as mesmas queixas dos capítulos 21 e 24²³ com uma leve variação: uma tendência política²⁴. Apesar disso, as queixas continuavam sendo acusações que “não podiam provar” (25:7b; veja 24:13).

A cena, a meu ver, era confusa e até caótica. Os acusadores deveriam permanecer sentados até que apresentassem a queixa (v. 18). O procedimento adequado era que falassem um por vez. Em vez disso, todos os líderes de Jerusalém rodearam Paulo (v. 7), derramando seu ódio. Ao mesmo tempo, os judeus de Cesaréia clamavam da platéia que “não convinha que ele [Paulo] vivesse mais” (v. 24).

O que os judeus poderiam esperar conseguir com aquela balbúrdia histórica? Sabendo que jamais conseguiriam condenar Paulo com suas acusações falaciosas e fictícias, evidentemente queriam intimidar o novo governador, cuja maior preocupação era manter a ordem no distrito.

O Mesmo Argumento (v. 8)

A essa altura, Festo devia estar praguejando

¹⁶A conspiração no capítulo 23 originou-se com os quarenta; daí, levaram o planto até o Sinédrio. Dessa vez, a conspiração originou-se traiçoeiramente no próprio Sinédrio. ¹⁷Se Lísias ainda era comandante em Jerusalém, ele pode ter contado a Festo a conspiração para matar Paulo tramada dois anos atrás; mas não há indícios de que o governador soubesse daquela conspiração. Se soubesse, certamente teria mencionado isso em sua conversa em particular com Agripa (vv. 14–21). ¹⁸Estavam tentando levar vantagem sobre a inexperiência do novo governante e o desejo natural de iniciar bem o seu mandato. Compare isso com a abordagem dos judeus a Gálio, em Atos 18 (veja as notas sobre 18:12 na lição “O Senhor Sempre Cumpre Sua Palavra!”). ¹⁹Citado em James Burton Coffman, *Commentary on Acts* (“Comentário de Atos”). Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1976, p. 467. ²⁰A ERC, baseada num texto diferente, tem “mais de dez dias”. É preferível “não mais de oito ou dez dias”, mas a variação é insignificante. ²¹“O tribunal” era o *bema*, o assento para os julgamentos, o símbolo da autoridade romana. Embora pudesse ser dentro do pretório, o *bema* provavelmente se localizavam num pátio. Compare isso com João 18:28. Novamente, veja as notas sobre Atos 18:12 na lição “O Senhor Sempre Cumpre Sua Palavra!”. ²²Veja 24:1. Se haviam contratado Tértulo, provavelmente acharam que não valeu a pena o gasto! ²³Sabemos disso por causa da resposta de Paulo no v. 8. Para detalhes sobre as acusações, veja os comentários sobre Atos 21:28 na lição “E Julgavam” e 24:10–21 na lição “Paulo no Tribunal!”. ²⁴Observe os paralelos entre esta cena e 17:5–8.

contra Félix por ter deixado o caso não resolvido! Aplicar a justiça romana ao povo judeu não era tão simples como ele supunha!

Depois de restabelecer a ordem, o governador permitiu que Paulo falasse. Lucas resumiu a defesa de Paulo nestas palavras: “Nenhum pecado cometi contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César” (v. 8b)²⁵. Aparentemente, o Sinédrio estava, outra vez, acusando Paulo de pecado, sacrilégio e sedição: pecado — infringindo a “lei dos judeus”; sacrilégio — contaminando “o templo” e sedição — causando problemas para Roma.

Em relação à terceira acusação, porém, uma nova palavra foi utilizada: “César”. Esse título imperial não havia aparecido nos julgamentos de Paulo na Judéia e seu aparecimento no versículo 8 não é mera coincidência. As palavras de Lucas caracterizam o imperador romano nove vezes nesse capítulo: seis vezes como “César”²⁶ (vv. 8, 10, 11, 12, 21), duas como “o imperador”²⁷ (vv. 21, 25) e uma como “senhor”²⁸ (v. 26). O enfoque estava mudando da Palestina para Roma, dos subordinados para o chefe (veja 27:24)!

Além de alegar “não ser culpado” das três acusações, Paulo novamente declarou-se “culpado” de crer na ressurreição (veja 24:20, 21), proclamando enfaticamente que Jesus estava vivo (25:19)!

Os Mesmos Políticos (v. 9)

Quando Paulo terminou, Festo estava perdido e confuso (v. 20). Diferente de Félix, Festo não conhecia “mais acuradamente as coisas com respeito ao Caminho” (24:22a). Como mais tarde ele relataria, ambos os lados lhe pareciam sem sentido:

E, levantando-se os acusadores, nenhum delito referiram dos crimes de que eu suspeitava. Traziam contra ele [Paulo] algumas questões

referentes à sua própria religião e particularmente a certo morto, chamado Jesus, que Paulo afirmava estar vivo (25:18, 19).

Dois fatos estavam claros como água para o governador: primeiro, o assunto era religioso, e não político. O segundo fato é que Paulo não era um criminoso. (O governador mais tarde admitiu: “Porém eu achei que ele nada praticara passível de morte” [25:25a].) Esses dois fatos deveriam ter encerrado a questão. Festo deveria ter anunciado da tribuna: “Considero o acusado ‘sem culpa’ — mas ele não fez isso.

O governador estava entre a cruz e a espada: não ousava achar Paulo culpado por temer Roma²⁹ e não ousava achar Paulo inocente por temer os judeus. Em menos de duas semanas após ter assumindo o novo posto, seus ideais altivos haviam sido atropelados. Assim como outros políticos que vieram antes e depois dele, ele acabou se preocupando com o que era politicamente adequado.

Cercado de líderes judeus inflexíveis que poderiam ajudar ou corromper sua administração, Festo ponderou quais eram as opções. Não é difícil imaginar esse processo de raciocínio: “O núcleo desse contratempo era uma questão judaico-religiosa, portanto o melhor lugar para se resolver o caso era no centro da religião judaica, Jerusalém. Isso deixaria os membros do Sinédrio satisfeitos e eu preciso deles a meu favor. Por outro lado, essa mudança poderia deixar o prisioneiro tenso. Então, vou garantir a ele que me encarregarei do caso”.

Festo voltou-se para Paulo: “Queres tu subir a Jerusalém e ser ali julgado por mim a respeito destas coisas?” (v. 9b). As palavras “por *mim*” podem ter soado como uma concessão a favor de Paulo, mas a proposta não o beneficiaria, necessariamente. A proposta era ilegal, ilógica e im-

²⁵Como os judeus não tinham provas de suas acusações, a única maneira de condenar Paulo era se ele admitisse que era culpado. Quando ele demonstrou e alegou “não ser culpado”, deveria ter sido imediatamente declarado inocente por Festo. ²⁶O termo grego traduzido por “César” é *kaisar*. Originalmente, “César” era o nome da família de Júlio César, mas tornou-se depois um título para governantes romanos. ²⁷O grego traduzido por “imperador” é *sebastos*, equivalente ao latim “Augustus”. O termo “Augustus” era um título que significava “o majestoso, aquele que inspira reverência”. Esse título foi aceito por alguns imperadores romanos (veja Lucas 2:1). ²⁸O grego traduzido por “senhor” é *kurios*. Quando aplicado ao imperador, implicava uma divindade. (Tenha em mente que era um romano quem chamava o imperador de “senhor”, não um judeu ou um cristão.) Alguns imperadores recusaram-se a usar tal título, mas o imperador daqueles dias, Nero, gloriava-se nisso. Mais tarde, muitos cristãos sofreram martírio por não confessarem que o imperador era “Senhor”. Para o filho de Deus, há “um só Senhor” (Efésios 4:5). ²⁹Não esqueça que Paulo era cidadão romano e possuía certos direitos. Se delatassem a Roma que Festo havia condenado um cidadão romano inocente, ele mesmo poderia ser severamente punido.

prudente: era ilegal porque Paulo achou-se inocente duas vezes³⁰. Era ilógica porque se não chegaram a nenhuma decisão nos dois julgamentos anteriores, por que um terceiro produziria um resultado diferente? Finalmente, do ponto de vista de Paulo, o plano era decididamente imprudente. Se Félix deixava-se intimidar por um punhado de judeus, quanto mais, cercado por milhares que exigiam a morte de Paulo. Além disso, quem sabia de que maldades os judeus eram capazes? Paulo havia sofrido muitas vezes com as conspirações por eles armadas (9:24; 20:3; 23:14) para confiar neles naquela ocasião.

Lucas afirmou que Festo fez a proposta porque estava “querendo assegurar o apoio *dos judeus*” (v. 9a; grifo meu). Temos aqui mais uma reprise: mais uma vez, um burocrata fraco decidiu usar Paulo como peça de um jogo político.

Não se deixe enganar pelo fato de Festo ter perguntado a Paulo se ele “queria subir a Jerusalém” (v. 9b; grifo meu). “A pergunta do governador [era] importante para sua decisão.³¹” O governador não estava dando uma escolha a Paulo; estava lhe dizendo que ele *iria* para Jerusalém³².

UM LEMBRETE! (25:10–12)

A esta altura, a história dá uma virada. Em vez de uma reprise, torna-se um lembrete, uma confirmação de que Deus sempre provê um “livramento” (1 Coríntios 10:13).

Deus Protegeu Paulo

Com a vida por um fio, Paulo deparou-se com o homem mais poderoso da Palestina (veja João 19:10) — e disse “não”:

Estou perante o tribunal de César, onde convém seja eu julgado; nenhum agravo pratiquei contra os judeus, como tu muito bem sabes. Caso,

pois, tenha eu praticado algum mal ou crime digno de morte, estou pronto para morrer; se, pelo contrário, não são verdadeiras as coisas de que me acusam, ninguém, para lhes ser agradável, pode entregar-me a eles. Apelo para César (vv. 10, 11).

O texto bíblico desta lição fala de uma luta de poderes entre um governador romano e um cidadão romano — e, com a ajuda de Deus, o cidadão prevaleceu. A Bíblia Viva parafraseia as palavras de Paulo assim:

Nunca! Eu invoco o meu privilégio de uma audiência diante do próprio imperador. O senhor sabe muito bem que eu não tenho culpa nenhuma. Se fiz alguma coisa para merecer a morte, não me recuso a morrer! Mas se sou inocente, nem o senhor, nem outro qualquer, tem o direito de me entregar a estes homens para que me matem. *Eu apelo para César* (grifo meu).

Um cidadão romano tinha o direito de apelar para César se acreditasse que seu caso estivesse sendo mal administrado. Faziam-se poucas exceções a esse direito (tais como casos que envolvessem assassinos ou ladrões pegos em flagrante), mas esse era um dos direitos básicos da cidadania romana³³. Quando um cidadão dizia: “*Caesarem appello*”³⁴, o caso era imediatamente tirado das mãos do juiz.

O César à época do apelo de Paulo era Nero, que subira ao trono em 54 d.C. Conhecendo a história sangrenta de Nero, podemos achar estranho que Paulo desejasse entregar a própria vida nas mãos dele. Lembre-se, porém, de que os primeiros cinco anos de reinado de Nero (quando estava sob influência de Sêneca³⁵ e outros) foram considerados uma “era dourada” pelos romanos. “Havia pouca coisa em 59 d.C. que desse algum sinal dos acontecimentos de 64 e 65 d.C.”³⁶

Certamente Festo ficou surpreso. Embora todo cidadão romano tivesse o direito de apelar

³⁰Nos Estados Unidos (e em outros países) há uma lei segundo a qual uma pessoa que já foi declarada inocente por um crime específico não pode ser julgada novamente pelo mesmo crime. Festo evidentemente nem acreditava nem na proteção contra um terceiro julgamento. ³¹Ernst Haenchen, citado em I. Howard Marshall, *The Acts of the Apostles* (“Os Atos dos Apóstolos”), The Tyndale New Testament Commentaries, ed. ger. R.V.G. Tasker. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1980, p. 384. ³²Isso é óbvio pela resposta de Paulo: “... ninguém... pode entregar-me a eles [os líderes judeus]...” (v. 11). Se Paulo tivesse recebido a opção de dizer: “Não, obrigado; prefiro não ir a Jerusalém”, não teria sido necessário para ele apelar para César (veja 28:19). ³³Originalmente, um cidadão apelava para o povo. Mais tarde, o apelo era para o senado, que representava o povo. Depois, era para o imperador, que deveria ser o representante do povo. ³⁴No texto original, temos o grego equivalente a essas duas palavras latinas. Uma forma mais longa era às vezes usada: *Cives Romanus sum, provooco ad Caesarem*. ³⁵Sêneca era irmão de Gálio. Veja as observações sobre Atos 18:12 na lição “O Senhor Sempre Cumpre Sua Palavra!”. ³⁶F.F. Bruce, *The Book of Acts* (“O Livro de Atos”), ed. rev., The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988, p. 454. Em 64/65 d.C., Nero começou a perseguir os cristãos.

para Roma, poucos se valiam dele devido a complicações e inconveniências. Entrar na capital com a guarda armada não era algo que alguém ambicionasse. Ademais, o homem comum mal tinha condições financeiras de passar um tempo viajando, além de hospedar-se em Roma, à espera do seu caso ser julgado (veja 28:30).

Aturdido, Festo “falou com o conselho”³⁷ (25:12a) para ver o que deveria fazer. Sem dúvida, disseram-lhe que Paulo estava totalmente no seu direito — e que, como representante de Roma, o governador não tinha escolha. Ruborizado, Festo voltou ao tribunal e pronunciou a antiga fórmula: *Caesarem appellesti; ad Caesarem ibis*: “Para César apelaste, para César irás” (v. 12b).

Ao dizer essas palavras, Festo deve ter sentido um misto de emoções. Provavelmente ardia-lhe a contrariedade daquele “joão-ninguém”. Com certeza estava apreensivo quanto a como cuidar do caso sem que isso refletisse na sua administração. É provável que também estivesse aliviado; em breve aquela criatura incômoda e aquele caso fatigante estariam fora de sua responsabilidade!

O governador ordenou “que o acusado continuasse detido até que” se providenciasse tudo para que “o enviasse a César” (v. 21). Depois de tanta espera, Paulo estaria a caminho de Roma!

Ao analisarmos o apelo de Paulo, várias perguntas surgem: Já que Paulo estava ciente de seu direito de apelar para César, por que não exerceu esse direito antes (evitando dois anos de cárcere em Cesaréia)? Por que ele finalmente insistiu em seus direitos só nesse momento?

Ao que parece, até o momento em que Festo falou de voltar a Jerusalém, Paulo pensava que tinha mais de uma opção para chegar a Roma. Para ele, uma porta aberta era apelar para César, mas era a última porta de sua preferência³⁸.

Paulo não queria ir para Roma como prisioneiro³⁹; queria, sim, entrar andando pela cidade como um homem livre — livre para ir aonde quisesse, livre para pregar onde quer que fosse⁴⁰. Durante os dois anos em que Félix o manteve em custódia, Paulo teve motivos para crer que seria solto a qualquer momento. Quando Félix saiu do país sem soltar Paulo, uma porta fechou-se na sua frente⁴¹.

Quando o governo foi entregue a Festo — um homem que nem compreendia a manipulação dos judeus nem apreciava o cristianismo — outras portas começaram a se fechar. Finalmente, quando o governador informou Paulo que ele seria levado a Jerusalém, somente uma porta permaneceu aberta: apelar para César. Paulo precipitou-se por essa porta, antes que ela se fechasse também.

Teria Paulo cometido um erro ao apelar para César? Afinal de contas, mais tarde, o rei Agripa não disse a Festo: “Este homem bem podia ser solto, se não tivesse apelado para César” (26:32b)? Sim, Agripa afirmou isso, mas era consideravelmente tarde (25:13, 14)⁴². Se Paulo não tivesse contrariado os planos do governador com o apelo, Lucas estaria narrando seu obituário antes que Agripa e Berenice chegassem a Cesaréia⁴³.

Mais uma vez a mão providencial de Deus pode ser vista: apelando para César, Paulo teve a oportunidade de pregar ao rei Agripa (9:15; 26:1). Apelando para César, Paulo permaneceu sob a proteção romana até que saísse do país com segurança (veja 25:21). Apelando para César, Paulo conseguiu mais tarde estender a influência do evangelho para dentro do palácio de César (Atos 9:15; Filipenses 4:22). Apelando para Roma, Paulo até conseguiu pregar para Nero (Atos 27:24). É até possível que foi Deus quem “compeliu” Paulo

³⁷O grego tem simplesmente “o conselho”. Não confunda isso com o Sinédrio (ou Conselho) dos judeus. Esse conselho era uma equipe de consultoria do governador. Como nenhum chefe do Poder Executivo pode ser um perito em todas as áreas, a maioria possui equipes de consultoria compostas por “peritos” em diferentes aspectos do governo. ³⁸Observe 28:19, onde Paulo disse: “Senti-me *compelido* a apelar para César” (grifo meu). ³⁹De acordo com Filipenses 1:12–17, irmãos de Roma tinham sentimentos diversos quanto à prisão de Paulo. Alguns ficaram aparentemente constrangidos devido a suas cadeias [correntes]. ⁴⁰É possível que Paulo tivesse interpretado a promessa de Jesus de que ele iria a Roma (23:11) sendo solto, para que pudesse viajar. Anteriormente Paulo havia interpretado erroneamente o aviso do Espírito (20:22–25); poderia também ter interpretado erroneamente a promessa de Jesus. ⁴¹Além das vezes em que Paulo foi considerado inocente, devendo ser liberto, ele deve ter esperado ser solto quando Félix saiu da Palestina. Geralmente, quando um governador saía, um de seus últimos atos de clemência era libertar algum prisioneiro sobre o qual ele não tomara nenhuma decisão (veja 24:27). ⁴²Lembre-se de que essa era a opinião pessoal de Agripa, que não tinha jurisdição no caso. ⁴³O governador tomou uma atitude sem demora (25:17). Ele não teria dúvidas em mandar Paulo de volta a Jerusalém imediatamente. Em Atos 28:19 o texto ocidental tem Paulo dizendo: “Fui compelido a apelar para César... para que livrasse minha alma da morte”. (Outra razão para crer que Paulo não cometeu um erro ao apelar para César é que, ao enfrentar seus acusadores, ele geralmente permitira que o Espírito falasse através dele [Marcos 13:11].)

a apelar para César (28:19), de modo que Paulo pôde apresentar o caso da legalização do cristianismo antes de ser julgado pelo imperador.

Deus Nos Pretege

Essa história tem muitas lições para nós, mas uma que pretendo destacar é a maneira maravilhosa como Deus protege Seus santos. Anteriormente, referi-me a 1 Coríntios 10:13. O versículo inteiro diz o seguinte:

Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar⁴⁴.

Paulo falou muito de tentações — tribulações — nesse versículo: todo o mundo tem problemas; ninguém está isento deles. Os problemas que temos não são unicamente nossos; outros já tiveram os mesmos problemas no passado. É de suma importância que, em vindo as tribulações, o cristão confie que Deus está no controle! Temos visto evidências disso nestes estudos vez após vez; o cuidado providencial de Deus para com Paulo não pode ser ignorado. Temos testemunhado “cadeias, ganância, motivos e ódio políticos malévolos... usados por Deus para cumprir seu grande propósito entre os que... enquadraram-se nos seus planos pela fé”⁴⁵.

Paulo revelou duas promessas relativas a tribulações em 1 Coríntios 10:13. Primeiramente, Deus não só permite as tribulações; Ele também as limita⁴⁶: “Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças”.

Você já ouviu um cristão tentando justificar seu pecado dizendo: “É que eu não agüentava mais”? Essa frase reflete parcamente a fidelidade de Deus! Se foi *impossível* para tal indivíduo “agüentar mais”, então Deus permitiu que ele fosse “tentado além da sua capacidade” — e Deus não foi fiel! A verdade é que se não “agüentamos mais” é porque não *queremos*

“agüentar mais”, e não porque não conseguimos “agüentar mais”. Paulo teve mais tribulações do que a maioria de nós, mas ele não reclamou: “Senhor, o senhor me deu mais do que eu posso agüentar!”

A segunda promessa é vividamente ilustrada no capítulo 25: Deus não só impõe um limite aos nossos problemas; ele também provê os meios para vencê-los: “...juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar”. O grego traduzido por “livramento” significa literalmente “saída”. O termo era usado pelos soldados do primeiro século quando, estando cercados (com uma derrota inevitável), de repente uma brecha se abria entre as trincheiras do inimigo e eles conseguiam escapar!

A natureza do “livramento” depende de três fatores. Um é a natureza do problema. Os meios do livramento estão relacionados aos problemas que enfrentamos. “O livramento” de Paulo do complô assassino em Jerusalém deu-se quando delatou-se o complô a um comandante romano consciencioso. Seu “livramento” de voltar para Jerusalém consistiu em apelar para César. O segundo fator é que Deus conhece as capacidades dos que estão com problemas. Ele tece tanto os problemas como as soluções para resolvê-los⁴⁷. O “livramento” de Paulo não seria o mesmo para mim; ele era cidadão romano, eu não sou. O “livramento” depende, em terceiro lugar, dos planos e propósitos de Deus para quem está em dificuldades. A ERAB tem “livramento”, mas a ERC traz uma tradução mais precisa: “o escape” — em outras palavras, a maneira consistente com os desígnios de Deus.

Quando somos atacados por problemas, pode ser que não reconheçamos “o escape” dado por Deus. Com freqüência, não é a maneira que idealizamos, nem a que queríamos. Em Cesaréia, “o escape” de Deus para Paulo foi o que ele queria; queria ir a Roma como um homem livre, não como um prisioneiro. Apesar disso, apelar

⁴⁴A palavra grega para “tentação”, *peirasmos*, é de fato usada de duas maneiras no Novo Testamento: para “tentação”, como em 1 Coríntios 10:13 e é usada para “tribulação”, como em Tiago 1:2. Estes dois usos são determinados pelo contexto. “Tentações”, seduções para se fazer o que é mal, sempre vêm do diabo (Tiago 1:13); e “tribulações” podem vir às vezes como “provas” da parte do Senhor mas visam sempre fortalecer a fé, e não destruí-la. O diabo nos tenta para fazer o errado; Deus nos prova para edificar nossa fé. Cada tentação tem um livramento; cada tribulação vem com uma avenida através da qual podemos nos tornar mais fortes. ⁴⁵Ed Wharton, *The Action of the Book of Acts* (“A Ação no Livro de Atos”). Dallas: Gospel Teachers Publications, 1977, p. 57. ⁴⁶Para uma ilustração disso, veja os primeiros dois capítulos de Jó. Deus permite tribulações para nos deixar mais fortes. ⁴⁷José é uma ilustração interessante: sobre tentação sexual, “livramento” de Deus para alguns é dar-lhes força para resistir — mas o “livramento” de Deus para José foi fugir (Gênesis 39:12)!

para César foi “a saída” de *Deus*, quer fosse a escolha de Paulo, quer não. Da mesma forma, quando somos bombardeados por tribulações, preferiríamos que “o escape” de Deus envolvesse a remoção das tribulações. Deus, porém, pode ter permitido tais tribulações para nos tornar melhores pessoas (Tiago 1:2–4). Nesse caso, Seu “escape” implicará em aprendermos a viver com os problemas e confiar mais nEle para obtermos força!⁴⁸

Inculque duas verdades na sua mente; depois, quando a tribulação se interpuser no seu caminho, você estará pronto: 1) Um livramento sempre está disponível — é só procurar por ele. Deus prometeu que fará isso! Ele cuidou de Paulo e cuidará de nós! 2) Uma vitória sempre é possível — é só rogarmos por isso. Deus não nos obriga a passar pela saída aberta. Cabe a nós aproveitá-la. Se permitirmos que Deus opere em nossas vidas nos submetendo humildemente à vontade dEle, as tribulações nunca nos tirarão o melhor que temos!

⁴⁸Esta seção pode ser adaptada aos desafios específicos práticos e pessoais enfrentados pelos cristãos ouvintes. Por exemplo, na localidade onde vivo, poderia usar a seguinte aplicação: “Se você não é feliz no casamento, pode desejar que Deus lhe de ‘um livramento’ de seu casamento — quando o escape de Deus possa implicar que você se esforce mais para deixar seu cônjuge feliz!”

CONCLUSÃO

Vejam uma última diferença nas histórias de Félix e Festo. Quando Paulo pregou a Félix, ele ficou “amedrontado” (24:25). Quando Paulo pregou a Festo, o governador ficou “perplexo” (25:20) e considerou todo o caso um “absurdo” (25:27). Mais tarde, ele disse: “Estás louco, Paulo! As muitas letras te fazem delirar!” (26:24b).

A história de Félix ilustra a tragédia de um homem que tinha um coração capaz de ser tocado, mas não tinha força de vontade para converter-se a Deus. A história de Festo ilustra a tragédia de ter um coração totalmente incapaz de ser tocado. Quem tem um coração endurecido pela iniquidade, ignorância e indiferença pensa que a pregação do evangelho é invenção de um louco (Efésios 4:19; Hebreus 3:13; 1 Coríntios 2:14).

Oro para que você não sejam como Félix nem como Festo. Seu coração ainda é dócil? Quando você reconhecer que precisa se submeter a Deus, responderá sem hesitação? Seu destino eterno depende disso! ❖

Autor: *David Roper*

Série: *Atos*

© Copyright 2002, 2003 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS